

Resenha

Crônicas da Academia: linguagem, ideologia e política / Marlon Leal Rodrigues.

Campo Grande: Gráfica Mundial, 2021. 66 p.

Ceyd Eulacita Moreles¹

NEAD/UEMS

Tempo e lugar marcados por posições históricas - políticas e ideológicas

“Crônicas da Academia: linguagem, ideologia e política” é uma obra inteligente, nada comedida, sarcástica e uma bela viagem por alguns anos de vida acadêmica e profissional do autor, professor doutor, Marlon Leal Rodrigues. São páginas enriquecidas por uma fonte bebível de palavras sobre as vivências de quem sabe, impecavelmente, descrever o momento, ler as entrelinhas, descrever o sentido dos acontecimentos, prever as novidades, bem como prever movimentos repetidos da história. Conhece, como poucos, a análise do discurso na linha franco/brasileira.

O livro publicado em 2021 demonstra uma contextualização social e política em toda sua linha do tempo, começando à época em que o autor ainda estava na graduação, e, como ele mesmo narra, de maneira espontânea, a sua trajetória de debates e vivências interpeladas pelo próprio tempo.

Para o leitor a obra remete a um universo específico, o acadêmico, dentro da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul onde, ao perpassar as páginas é possível

¹ Resenha Crítica por Ceyd Moreles - Mestranda em Letras pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - UEMS (2022-2023). Graduada em Jornalismo pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal – Uniderp (2004), Especialista em Comunicação: Produção de Texto, Linguagem e Literatura pelo Instituto Libera Limes de Pós-Graduação (2007).

encontrar os acontecimentos e seus personagens: reais, ou não, militantes ou diletantes. Todos em um mesmo contexto nada subjetivo e em todos os momentos do livro.

As vivências narradas pelo autor e suas interpelações nos levam à reflexão: “de qual maneira teríamos vivido esses momentos ou observado cada colega em sala de aula, colegas de trabalho, professores, professoras e ademais funções? Qual a posição ideológica e política dominante? Existe essa dominação?”

Apropriando do momento, deixamos indicações aos camaradas leitores para apreciarem esta obra e ficarem à vontade para futuras observações, críticas e quem sabe, um debate. Em “Crônicas da Academia: linguagem, ideologia e política” o autor nos remete a diversas provocações, pois não cita nomes ou faz referências a A ou B, este ou aquele, mas sim aos sentidos de suas ideias e ideais. Intelecto de quem tem a dialética para entoar e vivenciar o Marxismo e sua intensa representatividade de quem é militante (ou sempre teve a militância em si).

A obra revela como é estar em um ambiente universitário e vivenciar com tantas opiniões controversas, tantos e tantos discursos, alguns vazios, sem sustentação prática. Adentramos aqui na experiência do autor enquanto aluno dos debates políticos, na década de 80, na cidade de Volta Redonda, no Rio de Janeiro. A clara diferença entre o militante e o diletante nos faz compreender a importância do marxismo e os desafios de vivê-lo plenamente em um campus universitário.

O marxismo naquele momento estava ali para ser mais do que uma opção de vida, era um ideal de transformação social, por meio da luta de classe. Não era passa tempo, ou status, como várias pessoas, de acordo com o autor, demonstravam vivê-lo. Ser militante era ir além dos muros da universidade, ir para fora de gabinetes. Já o diletante era um ser vaidoso, que cheirava as botas da burguesia.

A obra descreve como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) nasce ou surge ocupando os espaços deixados, na década de 90, por partidos de esquerda, sendo ainda hoje um movimento de resistência, considerado um dos raros espaços da constituição de militância.

Assim sendo, o autor retrata o outro lado, chegamos então nos momentos de pura “fofura”, ao qual a obra retrata a ascensão de partidos políticos e com eles espaços em gabinetes confortáveis, deixando a classe operária, o trabalhador, o debate acirrado, todos do lado de fora, mas o autor é emblemático ao afirmar que “mesmo assim há a

permanência dos partidos de esquerda e os movimentos populares, sempre prontos ao debate político qualificado”.

O caminhar no espaço e no tempo, as ações sociais, políticas e ideológicas nos espaços universitários acarretam em consequências, qualificadas pelo autor no formato de diferentes tipos de voto. Dentro da academia muitos são os interesses e mais ainda os interessados em “ter um lugar ao sol”.

Existe toda construção ideológica nesta ousada obra, bem como a desconstrução do homem enquanto um ser completo, pois estamos sempre em constante caminhar, em busca de algo ou alguma coisa para nos completar. São os sentidos e seus efeitos tão copiosamente significados na análise do discurso.

Voltamos à qualificação dos tipos de votos, pois de acordo com o autor, “o voto demonstra o seu nível de consciência da inconsciência política, apolítica ou despolítica”. São tantas qualidades de votos que podem ser, por vezes, até encaixados em alguém na história, mas o caminho não é este, pois os próprios personagens foram atravessados por anos de pensamentos e teorias dentro da universidade.

Os corredores da UEMS não falam, eles gritam e assim fez emergir suas qualitativas tão especiais, a partir da discursividade do professor Marlon: “não discutimos pessoas, discutimos ideias”. E a partir daí contemplamos uma brilhante análise discursiva de/sobre as tensões ideológicas identificadas nas formulações discursivas na UEMS.

Um passo à frente e ali está. Pousamos na genialidade do autor em usar expressões da mitologia grega para, metaforicamente, descrever situações e condições de produção existentes dentro do campus de uma universidade pública, e nos leva ao rico encontro entre formulação e circulação, entre ser e estar, entre o pensar e o julgar. Ao assumirem ou não o voto nas eleições da academia, algumas características são nomeadas no livro. Voto amigo, Voto Cargo, Voto Alienado, e muitos outros que remetem o leitor a identificarem o seu próprio lugar-sujeito no tempo e espaço.

São profundas inquietações em relação a pontos tão bem ilustrados/narrados em toda obra e que leva o leitor a fazer parte de toda história, em detrimento da sua narrativa.

“Cuidado com o fogo amigo, ele é mais danoso do que os ataques dos adversários, e enquanto adversários, nós somos éticos, os outros não conhecem essa

expressão. Vale lembrar que um certo Narciso grego passa a eternidade tentando mirar-se nas águas do rio Estige, ou seja, esse egocentrismo não tem cura!”

Para o bom combate, ou o bom debate, há que ter essência, ética, caráter, posição e vontade de ir à luta. Sendo assim, companheiros e companheiras, nosso camarada, professor doutor Marlon Leal Rodrigues tem combatido o bom combate, não terminou a sua corrida e com certeza, precisou de muito mais do que fé para transcrever cada linha de sua obra. E muito mais para publicá-la.

Boa leitura, caros camaradas, que Zeus nos defenda da maldição de Cassandra! Amém.

Para Citação:

MORELES, Ceyd Eulacita. **Crônicas da Academia: linguagem, ideologia e política.** In: Web-Revista Discursividade, Estudos Linguísticos, Volume 27, ISSN 1983-6740, Janeiro/2025. Pp. 176-179: Consultar no Portal de periódicos científicos da Editora e Livraria Pantanal, <http://ojs.pantanaleditoraelivraria.com.br>